



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 23/06/2009

Caderno / Página: - / Capa e A4

Assunto: Movimento grevista é inexpressivo na ESALQ

Movimento grevista da USP é inexpressivo na Esalq

“Tudo se passa como se vivêssemos uma situação de normalidade”, aponta Álvaro Coimbra Simões, representante regional do Sintusp, sindicato que representa a categoria

O Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo (Sintusp) estima que pelo menos 20% dos servidores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

(Esalq/USP) entraram em greve uma semana depois que o movimento foi deflagrado em São Paulo, no dia 5 de maio. A greve se concentra basicamente na coordenadoria do cam-

pus, onde mais de 100, de um total de 200 servidores, cruzaram os braços. Álvaro Coimbra Simões, do Conselho Diretor de Base, disse que o índice geral é muito baixo, “o

que decepciona a categoria”. O mais gritante para ele é o fato de os professores e alunos sequer terem se manifestado sobre o que está acontecendo em São Paulo. A4



Apesar dos cartazes, apenas 20% aderiu à mobilização

Movimento grevista é inexpressivo na Esalq

Para representante do Sintusp, adesão no campus local “decepciona a categoria”. Paralisação foi deflagrada em 5 de maio

O Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo (Sintusp) estima que pelo menos 20% dos servidores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) entraram em greve uma semana depois que o movimento foi deflagrado em São Paulo, no dia 5 de maio. Aproximadamente 150 funcionários. A porcentagem pode ser ainda menor, tendo-se em conta que a entidade não sabe exatamente

quantos servidores a Esalq possui. Álvaro Coimbra Simões, do Conselho Diretor de Base (CDB – Subsede Piracicaba) do Sintusp, disse que os números variam de 750 a 1.200.

A greve se concentra basicamente na coordenadoria do campus, onde mais de 100, de um total de 200 servidores, cruzaram os braços. Coimbra Simões disse que o índice geral é muito baixo, “o que decepciona a categoria”. O mais gritan-

te para ele é o fato de os professores e alunos sequer terem se manifestado sobre o que está acontecendo em São Paulo. “Tudo se passa como se vivêssemos uma situação de normalidade”, observou. Para o sindicalista, trata-se de uma postura de omissão. “Os servidores daqui também não têm consciência sobre a importância de participar da luta”.

Ontem à tarde foram retomadas as negociações em São

Paulo entre a reitoria e os líderes sindicais. Uma das exigências dos funcionários era a retirada da Polícia Militar do Campus, o que foi atendida. A categoria exige a incorporação do abono de R\$ 200 pago em 2007, “que a reitora Suely Vilela garantiu que seria incorporado aos salários”, mais 16% de reajuste. Para o Sintusp, desde 2000 houve perda de 40% no poder aquisitivo do segmento. No entanto, a USP propôs reajuste de

6,05%. “Ficamos um mês com essa proposta parada, sem que as negociações avançassem. Retomamos apenas ontem as discussões”, disse Coimbra Simões.

Os funcionários querem ainda um plano de carreira e a garantia de emprego para 5.214 funcionários, que foram contratados depois de 1988, mas sem a autorização da Assembleia Legislativa, como exige a Constituição. “Os reitores alegavam que a autonomia universitária

era subsídio suficiente para as contratações, mas que agora estão sendo questionadas pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE)”, explicou. No entender de Coimbra Simões, as reivindicações dos servidores são todas cabíveis, uma vez que o orçamento da USP vem subindo a cada ano. “Segundo matéria da Folha de São Paulo de domingo, desde 2003 o orçamento da universidade cresceu 40%”, destacou.